

Bom manejo do solo faz a diferença

Há 20 anos o grupo de pesquisadores da UFSM monitora os solos e os mananciais da região. Atualmente, os levantamentos estão concentrados na bacia do Arroio Guarda-Mor, na região de Faxinal do Soturno. Foi a partir dali que o agrônomo Jean Minella avaliou as consequências da cheia de maio.

“É importante lembrar que o processo erosivo não foi uniforme, por isso é impossível precisar uma estimativa de perda de solos pela enxurrada. Houve desde perda total de lavouras, a deposição de areia, perda de material como nutrientes de superfície e também a abertura de muitos sulcos nas áreas de plantio”, conta o pesquisador.

De acordo com o presidente da cooperativa Agropan, Juez Nascimento, em torno de 60% da área dos associados já estava colhida quando aconteceu a cheia, e a entidade, que tem sede em Tupanciretã e 20 unidades de recebimento em outros quatro municípios da região, recebeu 6 milhões de sacas, com algo em torno de 20% dos grãos avariados. Houve, no entanto, como recorda o dirigente, produtores que tiveram mais

de 30% de perda na produção e com mais de 70% dos seus grãos avariados.

O volume colhido, ele reforça, ficou dentro do esperado pela cooperativa. O pior é o passivo enfrentado pelos produtores. “Já temos organizado o auxílio aos produtores para a recuperação do solo e o controle da erosão. O maior problema é o acúmulo de secas recorrentes com a enxurrada e o aviltamento dos preços. Nos anos anteriores, a cooperativa, por estar saudável, conseguiu cobrir os prejuízos. Agora, o produtor está pressionado para a preparação da próxima lavoura”, aponta Nascimento.

A Agropan concentra mais de 2 mil associados em uma região de abrangência de 13 municípios. Entre os quais, garante Juez Nascimento, há um trabalho permanente de assistência técnica para que reforcem o plantio direto e preservem áreas de proteção permanente. Em Jari, por exemplo, a Agropan mantém duas unidades de recebimento de grãos. Lá, comenta o presidente, foram estabelecidas lavouras em todas as áreas em que era permitido.



Pesquisador Jean Minella, da UFSM, atualmente concentra seus estudos na bacia do Arroio Guarda-Mor

No caso da Camnpal, que conta com 7,5 mil associados em mais de 50 municípios da faixa central do Estado, a colheita da soja rendeu 5 milhões de toneladas, em torno de 1 milhão abaixo do que era previsto. “Ficaremos com muita soja para o ano que vem, porque recebemos grãos muito molhados, avariados, e sem padrão para a exportação”, explica o presidente da cooperativa, Claudemir Piccin.

A soja responde por 67% da

produção da Camnpal, que não sofreu perdas ou mudanças no seu cronograma de investimentos em infraestrutura. São seis silos em fase de finalização, com a perspectiva de aumentar nos próximos anos em 560 mil sacas a capacidade de armazenamento da cooperativa.

Há, no entanto, preocupação em relação à próxima safra. De acordo com Claudemir Piccin, o departamento técnico está atuando para a correção de solos e a perspectiva é de

que demorem alguns anos para retomar o bom nível de produtividade na região.

“Haverá maiores custos para o produtor corrigir e fertilizar o solo para a próxima safra, mas a consequência de um evento como este, que tende a se repetir, vai muito além das propriedades no Planalto. O sedimento e o alto volume de água foi arrastado para as várzeas, para a cultura do arroz, e para as cidades”, comenta Minella.

Perdas na lavoura não desanimam a indústria arroseira

O engenheiro agrônomo e coordenador do grupo de pesquisa em erosão de solos, do Departamento de Solos da UFSM, Jean Minella, acredita que, no caso da soja, em dois anos é possível que o sistema esteja recuperado na região, mas as lavouras de arroz afetadas, avalia o especialista, podem levar uma década na recomposição. Dados do Irga corroboram com a observação. Conforme o boletim final da safra 2023/24, foram perdidos 46,9 mil hectares em virtude das cheias de maio, que representam 5,22% da área semeada no Rio Grande do Sul. As perdas, aponta o órgão estadual, concentram-se justamente na faixa central do Estado.

O dado, porém, não desanima as cooperativas que já planejavam investimentos no beneficiamento do arroz na região. É o caso da Cotrisel, que

tem hoje a quarta marca mais vendida de arroz no Brasil – especialmente entre o Sudeste e o Nordeste –, e entre as seis maiores beneficiadoras do Rio Grande do Sul. A cooperativa desembolsou R\$ 10 milhões este ano na automatização das suas fábricas, principalmente em São Sepé.

“O produto entra com casca e sai já enfardado por esse processo. Agora, já adquirimos o robô para garantir a robotização do processo de carregamento de fardos. É um mercado muito competitivo, então, toda a nossa prioridade é garantir a produtividade mais eficiente nas nossas fábricas”, explica o presidente da cooperativa, José Paulo Salerno.

Com a venda de 4,8 milhões de fardos de arroz em 2023, a cooperativa destinou em torno de 300 mil fardos a marcas de terceiros e para

exportação. A marca, que repetiu os valores de 2022, representa o maior volume histórico de comercialização da cooperativa. No ano passado, o volume de arroz recebido pela Cotrisel foi o menor da história, mas o valor do produto no mercado compensou.

Desde julho, a nova fábrica de beneficiamento de arroz da Camnpal também opera em Dona Francisca. A cooperativa investiu, neste ano, R\$ 30 milhões para acelerar o projeto que já havia recebido R\$ 61 milhões em aportes no ano passado. Havia a perspectiva de receber uma safra recorde de arroz neste ano, proveniente dos produtores da faixa central do Estado. A cooperativa pretende aumentar em pelo menos 50% o seu faturamento com o arroz, que representa pouco mais de 14% dos grãos da Camnpal.

A produção agrícola nos municípios deste Mapa Econômico

Soja

- Tupanciretã: 147,9 mil hectares (2º RS)
- Cachoeira do Sul: 107,9 mil hectares (5º RS)
- Júlio de Castilhos: 103,9 mil hectares (6º RS)
- Rio Pardo: 77,3 mil hectares
- São Sepé: 70,5 mil hectares

Arroz

- Cachoeira do Sul: 25,5 mil hectares
- São Sepé: 16 mil hectares
- Restinga Sêca: 14,7 mil hectares
- Cacequi: 12,2 mil hectares
- São Vicente do Sul: 9,2 mil hectares

Aveia

- Tupanciretã: 9 mil hectares
- Júlio de Castilhos: 8 mil hectares

- Cachoeira do Sul: 6,1 mil hectares
- São Sepé: 5 mil hectares
- Jari: 4 mil hectares

Trigo

- Tupanciretã: 34,1 mil hectares (3º RS)
- Capão do Cipó: 15 mil hectares
- Jari: 12 mil hectares
- Júlio de Castilhos: 9,7 mil hectares
- Cachoeira do Sul: 8,06 mil hectares

Canola

- Região Central do Estado tem 29,3 mil hectares plantados, é a terceira maior região produtora no RS. Principais áreas em Santiago, Tupanciretã, Júlio de Castilhos, Cachoeira do Sul e Lajeado